



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUÍLA  
ISCED – HUÍLA

Título do trabalho:

Marcas da oralidade na escrita: uma análise das redacções dos  
alunos da 11<sup>a</sup> classe do Liceu 1202 de Caluquembe

Autor: Domingos Tavares Ngungo

Lubango, 2020



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO DA HUÍLA  
ISCED – HUÍLA

Título do trabalho:

Marcas da oralidade na escrita: uma análise das redacções dos  
alunos da 11<sup>a</sup> classe do Liceu 1202 de Caluquembe

Trabalho apresentado para obtenção do  
Grau de Licenciado no Ensino de Português

Autor: Domingos Tavares Ngungo

Tutor: MSc. Licínio Luís Narciso Moreira

Lubango, 2020

## **Dedicatórias**

Aos meus pais,

Que ao regaço me carregaram,

À escola me levaram,

E com brandura de mim cuidaram.

À minha doce flor,

Que ao longe me viu,

E sem mim se cobriu,

E por mim esperou.

Ao Valdemar Jair e à Valdirene Priscila, bênçãos, regalo e alambor.

Aos meus irmãos e amigos que depositaram confiança em mim.

Aos meus mestres que incansavelmente me mostraram o caminho a trilhar.

Aos meus líderes e colegas que tudo fizeram para me compreender.

## **Agradecimentos**

Agradeço profundamente a Deus, o Rei da eterna glória que, de várias maneiras, me conduziu e deu-me a Sua mão naqueles momentos de misteriosa aflição.

Agradeço aos meus pais, meu vaga-lume, por tudo o quanto fizeram e fazem por mim, sei que se me não amparassem jamais aqui chegaria. À minha esposa a quem cognominei “FLOR”, a senhora Sara Madalena que, por incontáveis vezes suportou o meu silêncio.

Aos meus irmãos (Nactividade, Nicolau, Rosina, Eudes, Judith, Pascoal, Anastácia e Richard) que jamais mediram as suas palavras para elogiar o meu trabalho, advertir e dar forças para não desistir dos meus objectivos.

Agradeço profundamente ao Dr. Licínio Moreira por me aturar de forma incansável ao longo da redacção da tese e por ter aceite o convite para orientação da monografia. Estendo ainda os meus votos de agradecimentos ao meu inspirador poético e mestre, o Dr. Paulino Soma que sempre tem um minuto no seu restrito tempo para dialogar comigo.

Aos Drs. Américo e Alberto Ximenes Santos, os grandes conselheiros e grandes pais para mim, aqueles que jamais silenciaram as suas vozes para mim.

Ao Dr. Carlos Kwelé que me suportou desde o ensino médio, Dr. Márcio Undolo, meu braço forte e editor literário, Dr. Mauro Rosales e aos demais professores que directa ou indirectamente influenciaram de forma positiva à minha carreira estudantil.

Aos meus colegas do ISCED-HUÍLA, meus companheiros de luta, que nalguns casos, tiveram mesmo de me levar ao colo para não perder a festa no final do ano, particularmente ao José Mandele, Evaristo Serrote, Samuel Morais, José Almeida meu querido delegado, Maria Ndovala, Milde Josefina, Wilma Márc José Daniel.

À Direcção do Liceu 1202 de Caluquembe, por ter aceite o desafio de ter a sua instituição como área de investigação do nosso trabalho.

À Academia dos Escritores da Huíla, com particular destaque aos autores Valdemar Ribeiro, Chia KMK e Abílio Lupenha.

Aos meus chefes de escuteiros afectos ao Agrupamento nº 87\_Mapunda: Casal Pedro, Fernanda Gabriel, José Tchivela, Eusébio, Richard e Irma Gabriel.

Por fim, agradeço aos meus colegas da Aldeia de Criança SOS do Lubango, pelo carinho e pela atenção, em particular ao Oficial de Campo Damião, Assistente Zacarias, à Administradora Débora, Coordenadora Albertina, Secretária Ana Silva e ao Director Artur Catihe.

*Deus vos torne dóceis!*

## Resumo

O presente trabalho, *Marcas da oralidade na escrita: uma análise nas redacções dos alunos da 11ª classe do Liceu 1202 de Caluquembe*, visa analisar as marcas da oralidade na escrita dos alunos, desenvolver habilidades de produzir textos orais e escritos, identificar possíveis marcas, apresentar uma proposta para a sua mitigação. A grelha de análise utilizada, surge da fusão da classificação de erros nos estudos de Zorzi e da categoria de erros de Bortoni-Ricardo, onde se ressaltam os casos de troca de vogal aberta /o/ por vogal fechada /u/ e vice-versa, neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/, uso de marcadores conversacionais na escrita e marcas decorrentes da omissão de letras. As redacções foram feitas em salas de aulas, analisadas e seleccionadas tendo como base a tabela de dados aleatórios. Na sequência, discorreremos sobre os desvios à norma nas redacções dos alunos através da análise do corpus, constituído pela amostra de 16 redacções dos alunos. Com este trabalho foi possível concluir que há desvios à norma da língua. Os alunos transportam para a escrita, elementos característicos da oralidade, deixando, assim, marcas. Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/, com 18 marcas, que equivale a 29.5%, marcas decorrentes da omissão de letras com 10 marcas, equivalente a 16.3%, representam os casos com maior número de marcas. No entanto, propomos a realização frequente de leituras e investigações por parte do professor e alunos, incentivar o aluno a criar habilidades e desenvolver a capacidade da auto-correcção, solidificando seus conhecimentos sobre som e letra, o trabalho da leitura deve sempre ser acompanhado com o da escrita porque quanto mais o aluno lê e escreve, maior é o domínio tanto do código oral como escrito.

**Palavras-chave:** *Marcas da oralidade na escrita, linguagem oral, linguagem escrita, processos fonológicos, interferência linguística e influência linguística.*

Índice	
INTRODUÇÃO .....	1
População .....	3
CAPITULO I – CARACTERIZAÇÃO DO LICEU 1202 DO MUNICÍPIO DE CALUQUEMBE .....	4
1.1. Caracterização geral .....	4
1.2. Caracterização do corpo docente e discente .....	4
1.3. Funcionamento da escola .....	8
CAPITULO II - REFERENCIAL TEÓRICO .....	9
2.1. Língua .....	9
2.2. Linguagem .....	10
2.3. Oralidade e escrita enquanto objectos de estudo .....	11
2.3.2. Linguagem oral .....	14
2.3.3. Linguagem escrita .....	15
2.3.4. Diferenças entre a oralidade e a escrita .....	17
2.2. Marcas da oralidade na escrita .....	21
3.2.1. Categoria de marcas da oralidade na escrita .....	23
CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS .....	30
3.1. Levantamento dos dados .....	30
3.1.1. Instrumentos de colecta de dados .....	30
3.2. Metodologia de análise .....	30
3.3. Análise das redacções dos alunos .....	33
CAPÍTULO IV: PROPOSTA DE TRABALHO PARA A REDUÇÃO DE MARCAS DA ORALIDADE NAS REDACÇÕES DOS ALUNOS DO LICEU 1202 DE CALUQUEMBE .....	39
CAPÍTULO V: CONCLUSÃO .....	42
BIBLIOGRAFIA .....	45
Anexos .....	I

## INTRODUÇÃO

A adopção da língua do colonizador (o português) como língua oficial foi um processo comum em Angola, daí a sua intensa disseminação entre a população angolana, a ponto de haver uma expressiva parcela da população que tem como sua única língua aquela herdada do colonizador. Mesmo a língua sendo adquirida como língua materna ou Língua 1, apresenta diferenças em relação ao Português (PE) de que dependemos (norma).

O presente trabalho, tem como tema “marcas da oralidade na escrita: uma análise das redacções dos alunos”, cujo grupo-alvo foi os alunos da 11<sup>a</sup>.Classe do Liceu 1202 de Caluquembe. No português, existe uma norma padronizada que corresponde àquela expressa nas gramáticas de língua portuguesa. A não observação dessa norma, implica desvios à mesma. Várias são as dificuldades que os alunos enfrentam, mas pretendemos ocupar-nos sobre o estudo das marcas da oralidade na escrita.

Julgámos prestável identificar e descrever algumas dificuldades (marcas) no intuito de elaborarmos métodos para a mitigação de tais dificuldades.

Estamos cónscios de que a realização da comunicação se dá por meio do uso da linguagem oral e escrita, tal como os estudiosos na matéria como Zorzi, Bortoni, Koch afirmam. O código escrito, sendo uma tentativa da reprodução gráfica da língua, difere da língua oral no seu uso.

O estudo do presente trabalho é extensivo aos professores, alunos e outros falantes, aqueles que de uma maneira ou de outra estão ligados ao processo de ensino/aprendizagem, com maior incidência para aqueles que queiram ou estejam a trabalhar na temática “marcas da oralidade na escrita”.

A nossa pesquisa tomou início com a recolha bibliográfica, leitura das obras que possuem em parte, conteúdos ligados ao tema em estudo, selecção das obras que se adequam à pesquisa ou tema em estudo.

As redacções foram feitas em salas de aulas. As temáticas foram as seguintes: “Crise económica financeira. Vantagens e desvantagens” e “Causas e consequências do consumo de bebidas alcoólicas”. Em seguida, partiu-se para a correcção das redacções recolhidas, identificando as marcas, inventariamo-las e apresentamos a metodologia de análise (análise dos resultados).

No primeiro capítulo, abordou-se sobre assuntos relacionados à localização da instituição em que se fez a pesquisa do nosso trabalho, funcionamento e estrutura, caracterização do corpo docente e discente.

No segundo capítulo, fez-se alusão ao referencial teórico, sustentado por obras bibliográficas ligados ao tema em estudo, uma breve abordagem sobre o surgimento da escrita, conceitos de linguagem. De forma separada, apresentámos estudos sobre a linguagem escrita e oralidade, o objecto de estudo das modalidades escrita e oral, suas semelhanças e diferenças, abordagem das marcas da oralidade na escrita dos alunos, trazendo à reflexão ou pontos de vista de diferentes autores e à classificação das marcas da oralidade na escrita, utilizada para a análise das redacções produzidas pelos alunos do Liceu 1202 de Caluquembe.

No terceiro capítulo, que fez referência à “interpretação dos resultados”, apresentou-se a análise das marcas identificadas, com base à classificação de marcas da oralidade na escrita. As metodologias de análise para a pesquisa.

No quarto capítulo, apresentou-se a proposta de trabalho para a redução das marcas e por fim, as conclusões e recomendações no quinto capítulo, sem deixar de fazer referência aos anexos e bibliografia.

Dos 165 alunos previstos, a referida pesquisa contou com a participação de 154 (cento e cinquenta e quatro) alunos da 11ª Classe do Liceu 1202 do Município de Caluquembe.

## **Objectivos**

### ✓ **Objectivo geral**

- Analisar as marcas da oralidade na escrita dos alunos.
- Desenvolver nos alunos, habilidades de produzir textos orais e escritos de diferentes géneros.
- Criar situações em que os alunos tenham oportunidades de reflectir sobre os textos que lêem e escrevem.

### ✓ **Objectivo específico**

- Responder as questões do problema deste estudo, propondo actividades que venham ser úteis para os principais elementos do processo de ensino/aprendizagem (alunos e professores de Língua portuguesa, particularmente).
- Destacar as ocorrências ou marcas da oralidade nas redacções dos alunos.
- Enfatizar algumas actividades que possibilitem o desenvolvimento significativo dos alunos na modalidade escrita e na modalidade oral.
- 
- Identificar a ocorrência de marcas da oralidade nas redacções dos alunos.
- Apresentar bases teóricas e práticas que concorrem para a mitigação de marcas decorrentes da oralidade.
- Descrever as diferenças entre a modalidade escrita e oral.

## **População**

A referida pesquisa contou com a participação de 154 alunos da 11ª Classe do Liceu 1202 de Caluquembe, divididos em quatro turmas.

## **CAPITULO I – CARACTERIZAÇÃO DO LICEU 1202 DO MUNICÍPIO DE CALUQUEMBE**

### **1.1. Caracterização geral**

O Liceu 1202 está localizado no Município de Caluquembe, na Sede Sandula. Está a funcionar numa estrutura que não é de raiz, pertencente ao Colégio Novo Horizonte. É de resto, a primeira escola do II ciclo a nível municipal, tendo sido construída em 2005. A Escola funciona numa estrutura composta por 5 (cinco) salas de aulas, 1 sala para professores, 1 secretaria, 3 (três) quartos de banho para professores e alunos. Não possui água canalizada, depende da água captada por uma sonda, é iluminada pela luz fornecida pelo gerador de energia eléctrica.

A referida escola encontra-se rodeada de instituições de ensino e empreendimentos como o Instituto Médio Politécnico, a Escola do I Ciclo “Fadário Faustino Muteca”, Clube Recreativo, Repartição Municipal da Educação, Administração Municipal, Bancos BFA, BPC, Paróquia de Nossa Senhora de Assunção, Posto de Abastecimento de combustível, Kônica (loja, fotocopiadora pertencente aos vietnamitas), estabelecimento comerciais, bem como, moradias de construção definitiva e de algumas moradias. Há na localidade professores, enfermeiros, bancários, funcionários da Administração municipal, mas a população maioritária é camponesa.

### **1.2. Caracterização do corpo docente e discente**

A escola de Formação de Professores conta actualmente com um corpo docente constituído por 30 professores, com um nível académico variado entre Técnico médio e licenciado num único ciclo.

**Tabela nº 1 - Nível académico dos docentes**

<b>Nível académico</b>	<b>Sexo</b>		<b>Total</b>
	Masculino	Feminino	
<b>Médio</b>	1	0	1
<b>Bacharelato</b>	8	2	10
<b>Licenciatura</b>	17	2	19
<b>Mestrado</b>	0	0	0
<b>Total</b>	26	4	30

**Tabela nº 2 - Especialização dos docentes**

Nível académico	Técnico médio	Bacharel	Licenciado	total
Especialidade	✓ CFB- 1 docente	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ História- 2 docentes</li> <li>✓ Recursos Humanos- 1 docente</li> <li>✓ Linguística/Português- 1 docente</li> <li>✓ Economia-1 docente</li> <li>✓ Inglês- 1 docente</li> <li>✓ Química- 1 docente</li> <li>✓ Física- 1 docente</li> <li>✓ Psicologia-1 docente</li> <li>✓ Francês- 1 docente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Economia-1 docente</li> <li>✓ Filosofia-2 docentes</li> <li>✓ Psicologia- 2 docentes</li> <li>✓ Direito-4 docentes</li> <li>✓ Geografia- 2 docentes</li> <li>✓ História- 2 docentes</li> <li>✓ Matemática- 1 docente</li> <li>✓ Informática- 1 docente</li> <li>✓ Física- 1 docente</li> <li>✓ Biologia- 2 docentes</li> <li>✓ Teologia- 1 docente</li> </ul>	
Nº total/professores	1	10	19	29

De acordo com o quadro “Especialização dos docentes”, a escola possui apenas 1 docente de especialidade de Língua Portuguesa, o que provavelmente indicia a dificuldade que a escola enfrenta quanto ao corpo docente.

### 1.2.1. Alunos matriculados

A instituição em referência, matriculou 393 alunos, dos quais 165 frequentam a 11ª classe nos períodos da manhã e tarde. Mais abaixo, apresentamos o quadro estatístico dos alunos matriculados por classe, gênero, bem como, dos respectivos cursos.

**Tabela nº 3 – Alunos Matriculados**

Cursos existentes na escola	Classe	Nº de Turmas	Total de alunos	
			M	F
Ciências Físicas e Biológicas	10ª A	1	25	30
Ciências Humanas	10ª C	1	30	21
Ciências Económicas e Jurídicas	10ªB	1	24	20
Ciências Humanas	11ª	2	18	12
	11ª		15	19
Ciências Físicas e Biológicas	11ª	1	32	15
Ciências Económicas e Jurídicas	11ª	1	31	23
Ciências Humanas	12ª	1	6	6
Ciências Físicas e Biológicas		1	17	2
Ciências Económicas e Jurídicas		1	23	24
Total	3	12	221	172
				393

Conforme nos apresenta o quadro estatístico, a 11ª classe, nosso grupo alvo, está constituída por 3 (três) cursos sendo que o curso de Ciências Físicas e

Biológicas possui o maior número de alunos e com equilíbrio no género. A escola está aberta das 7h:30-18h:00, funcionando em 2 (dois) períodos: manhã e tarde.

Trata-se de um grupo heterogéneo, pois é possível notar um certo equilíbrio existente entre alunos do sexo masculino e feminino em todos os cursos/turmas.

Maior parte dos alunos desta escola têm como língua materna predominante a variante umbundu, enquanto que alguns alunos têm a Língua Portuguesa como língua materna ou primeira língua de contacto (L1).

### **1.3. Funcionamento da escola**

Tal como pudemos observar acima, a escola funciona em apenas dois períodos: manhã e tarde. São 10 o número de turmas, sendo 3 da 10<sup>a</sup> classe, 4 turmas da 11<sup>a</sup> classe e 3 turmas da 12<sup>a</sup> classe.

Todas as turmas funcionam nos dois períodos e são geridas por um Coordenador de turno para cada período, bem como um Coordenador para cada turma.

## **CAPITULO II - REFERENCIAL TEÓRICO**

Na sociedade contemporânea a comunicação acontece de diversas formas, no entanto, é o domínio da oralidade e da escrita que possibilita ao homem interagir com o outro, a posicionar-se criticamente, ter acesso às informações, defender as suas ideias, construir visões de mundo, formular perguntas, articular respostas, produzir conhecimentos e exercer plenamente a cidadania. Sem isto, certamente, não haveria comunicação. Há várias formas de se comunicar podendo o homem recorrer a uma linguagem gestual ou até mesmo sonora, mas é frequente o uso da comunicação, tendo como suporte ou meio de utilização, a oralidade e a escrita.

Bakhtin (1997) citado por Querido (2009) afirma que o discurso, quando produzido, manifesta-se, do ponto de vista linguístico, por meio de textos. O texto é o produto de uma actividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, independentemente de sua extensão. O texto é uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. É impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum género, assim como é impossível comunicar-se verbalmente a não ser por meio de um texto.

Todo o texto ou a sua produção encontra-se organizado ou agrupado a um determinado género. Assim, enquanto um enunciado não for compreendido no seu todo, não pode ser considerado texto. Ademais, este mesmo texto pode ser produzido na forma oral e/ou na forma escrita.

### **2.1. Língua**

A língua engloba sons e gestos, podendo a mesma ser utilizada de forma oral ou escrita. Contudo, a oralidade e a escrita não são meros objectos, mas sim, elementos organizados que possibilitam a comunicação, pois, os humanos desenvolvem sistemas para se comunicar.

Estamos seguros de que a língua é um dos bens sociais mais preciosos e mais valorizados por todos os seres humanos em qualquer época, disponível para

qualquer povo e/ou cultura embora questões diastráticas, diafásicas e diatópicas concorram para a sua utilização.

O conceito de língua é apresentado de várias formas pelos gramáticos, mas todos corroboram no facto de a língua constituir um sistema de signos que possibilitam tanto a produção bem como a compreensão de actos linguísticos.

A mesma pertence a todas as pessoas, afinal, trata-se de um produto social tal como se frisou, havendo a livre escolha sobre como se expressar, embora difira, nalguns casos, de localidade para localidade. Para Bechara (2009, p.16), a língua é um sistema de signos histórico e social que permite ao homem significar o mundo e o contexto que o cerca. Aprender uma língua não é apenas aprender palavras, mas também os seus significados culturais e como as pessoas do seu meio social compreendem e interpretam a realidade. Isto significa que a língua está carregada de uma história, e a cultura de um povo é passada ou transmitida de geração a geração por intermédio desta. As inúmeras situações ou problemas eram resolvidos por meio do diálogo, embora este seja, na maior parte dos casos, oralizados tendo como meio a fala e não a escrita, pois este último não era utilizado, tal como iremos abordar mais abaixo.

## **2.2. Linguagem**

Sendo a linguagem, parte das necessidades básicas do ser humano, tal como refere Bechara (2009, p.16), está inserida na oralidade, leitura e na escrita, consideradas práticas muito ligadas, porém, apresentam realidades diferentes, dessa forma, cada uma dessas modalidades possui sua própria relevância. O autor continua a afirmar que a linguagem como qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência. A linguagem realiza-se historicamente mediante sistemas de isoglossos comprovados numa comunidade de falantes, conhecidos com o nome de línguas. Tal conceituação envolve as noções preliminares do que seja sistema, signo, símbolo e intercomunicação social. Trata-se de uma actividade humana, apresenta cinco dimensões universais: criatividade, materialidade, semantividade, alteridade e historicidade. Criatividade, porque a linguagem forma de cultura que é,

manifesta-se como actividade livre e criadora, ou “do espírito”, isto é, como algo que vai mais além do aprendido.

Pode-se dizer, também, que a linguagem está relacionada às capacidades humanas para produzir, compreender e contribuir para o desenvolvimento da própria língua (Bakhtin 1997).

Joseane Nascimento Lima da Silva (2012, p. 2-3 ), por sua vez, na sua linha de pensamento, afirma:

A linguagem é uma forma de ação interindividual que traz como finalidade um processo de interlocução que é realizado nas diversas práticas sociais, onde nós seres humanos assim como os animais, insetos etc, elaboramos para partilhar a vida com os demais. Através da linguagem o homem constrói sua vida social, cultural e política. Exprime suas necessidades, sejam elas emocionais ou sociais, expressa, compartilha e absorve conhecimentos e experiências.

Joseane Nascimento Lima da Silva (2012, p. 2-3 ), continua a afirmar que através da linguagem, a comunicação verbal e não-verbal se realiza, pois produzir linguagem vai significar também produzir discursos. A linguagem existe porque se uniu um pensamento a uma forma de expressão, um significado a um significante, como dizem os linguistas. Essa unidade dupla face é o signo linguístico. Está presente na oralidade, na escrita e na leitura como princípio da própria linguagem, mas actualiza-se em cada um desses casos de maneira diferente.

### **2.3. Oralidade e escrita enquanto objectos de estudo**

O professor tem no processo inicial de alfabetização e não só, a função de contribuir para o domínio da linguagem oral e escrita do aluno, permitindo que este reflecta na sua escrita e na sua oralidade, embora esta última o aluno adquira primeiramente em contexto informal.

Marcuschi (2010), citado por Bessa, Oliveira & Bezerra (2012, p. 2-3), salienta que a partir dos anos 80 a linguagem passou por uma mudança em relação às três décadas anteriores que viam a escrita e a oralidade como opostas, sendo a escrita predominante. Tanto que os estudos estruturalistas de Saussure, por exemplo, voltavam-se apenas para a análise do sistema da língua e a fala não poderia ser objecto de análise. Nessa tendência “oficial”, conforme o autor, privilegiava-se o código como objecto de análise e a língua era concebida apenas como sistema de regras estruturado. Actualmente, o que predomina nos estudos sobre a linguagem é que se pode conceber uma relação interactiva e complementar entre essas duas modalidades do sistema linguístico, e a língua, por sua vez, é considerada a partir de suas condições de produção e recepção, o que provocou uma guinada nos estudos linguísticos.

Antes, privilegiava-se o código como sendo o principal objecto de análise e via-se a língua como um sistema de regras estruturado, como determinado por Saussure, o que não proporcionava questões sobre outros tantos aspectos, como, por exemplo, a relação entre língua oral e língua escrita, e com isso, não se indagava sobre os usos sociais da língua. Por estar centrado nos estudos estruturalistas de Saussure em que a língua era tida como código, não se concebia a relação entre variação e produção de sentidos, seja nas formas linguísticas ou na significação.

Quando Saussure decidiu priorizar o estudo da língua como um sistema fechado, ele abriu mão de estudar a oralidade, enquanto sistema aberto. Ainda seguindo esse raciocínio, Marcuschi (2010, p. 17, grifos do autor), traz uma discussão relevante para os estudos sobre fala e escrita quando escreve que, sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve.

Ao abordar isso, para não criar más interpretações, o autor diz que a oralidade não é superior à escrita, nem traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto equivocada, de que a escrita é derivada e a oralidade é primária. A escrita não pode ser tida como uma representação da oralidade.

A discussão que o autor traz, torna-se muito pertinente, pois, no momento da escrita, não se pode reproduzir alguns fenômenos que são próprios da oralidade, como, por exemplo, movimentos do corpo e dos olhos, gestos, a tonalidade ou colocação da voz, entre vários outros movimentos. Já a escrita apresenta características próprias e que são ausentes na oralidade, como tamanho e tipos de letras, cores, formatos e tantos outros.

Assim, oralidade e escrita são práticas e usos da língua e cada uma tem características próprias, mas não o suficiente para caracterizar dois sistemas linguísticos diferentes, nem uma dicotomia.

Outras representações dão-se na língua e para autores como Ferreiro (2003, p. 154), é por esta razão que levam os não-linguistas a estarem fadados a acreditar que falam tal qual escrevem e vice-versa, criando uma falsa consciência da oralidade gerada pela escrita.

Para Silveira (2013, p.3), a oralidade não pode ser vista apenas com *status* de uso menor e regradada a partir da escrita. Isso porque são diferentes os ambientes de utilização de ambas e cada uma possui características bem específicas. A importância da fala não pode cair no esquecimento, por causa da diversidade com que ocorre entre os falantes, pois, antes mesmo que a humanidade adquirisse as habilidades de domínio do código escrito, as pessoas já se expressavam através da oralidade.

Na língua oral, as pausas e as entoações marcam o final de um tema e a passagem para outro novo. Isso é facilmente perceptível. O problema, na verdade, surgiu quando se iniciou a prática da leitura silenciosa, que foi quando houve a diminuição da leitura em voz alta. Desse modo, temos que levar em consideração que não é eficaz ensinar a pontuação como reflexo da fala, porque não é possível estabelecer de que modo no escrito estarão correspondidas as pausas ou as mudanças de entonação na língua oral e a necessidade de pôr uma vírgula, por exemplo.

### **2.3.2. Linguagem oral**

Não é papel da escola ensinar um aluno do ensino médio a falar, pois isso é algo que se aprende no convívio que o aluno tem e, por outra, adquire a fala desde tenra idade, embora para alguns alunos a língua portuguesa seja aprendida apenas na escola. À escola, cabe a responsabilidade de desenvolver a capacidade de expressão oral do aluno, ensinando-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações de comunicação, que se modificam, conforme o grau de formalidade que exigem. Um ensino cheio de regras (obedece à norma).

Tal como se fez referência na temática oralidade e escrita como objectos de estudo, o aluno traz consigo uma forma de falar que pode ir ou não de encontro à norma, portanto, é essencial que o professor aceite a fala que o aluno traz de sua comunidade, mas é função da escola, obviamente o professor é o elemento indispensável na oferta de instrumentos para que o aluno utilize com competência a linguagem oral em instâncias públicas.

Bakhtin (1997): é necessário propor ao educando uma prática pedagógica de formalização de usos planeados da fala, o que exige que a escola eleja a linguagem oral como conteúdo de ensino.

Vale ressaltar que se expressar oralmente é uma actividade que dá ao indivíduo o direito a voz e vez, mas que requer confiança em si mesmo, uma conquista que só acontece em ambientes propícios a essa manifestação.

É preciso que na sala de aulas aconteçam situações sistemáticas da oralidade, escuta e reflexão sobre a língua em diferentes finalidades comunicativas, sem perder de vista que as actividades estejam contextualizadas em projectos de estudo que envolvam todas as áreas de conhecimento, não apenas a de língua portuguesa. Assim, o professor estará a dar ao aluno o direito da voz e vez, reflectindo sempre na sua escrita sem descorar a importância que a oralidade exerce dentro e fora da sala de aulas.

O trabalho com a oralidade deve sempre acontecer a partir de actividades significativas, como: seminários, entrevistas, dramatização de textos teatrais, simulações de programas de rádio e televisão, de discursos políticos e de outros usos públicos da linguagem oral. Actividades dessa natureza, dão sentido e função ao trabalho com aspectos como entoação, dicção, gesto e postura, que no caso da linguagem oral conferem sentido ao texto.

### **2.3.3. Linguagem escrita**

A humanidade sempre dependeu da comunicação para poder sobreviver melhor, e transmitir os conhecimentos acumulados e, sempre foi algo muito importante. Contudo, nem sempre os homens dispuseram de sistemas bem organizados para fazer essas coisas. A mímica e a imitação possivelmente foram as primeiras formas de ensinar e comunicar. Antes mesmo de constituir a linguagem oral, os homens começaram a se comunicar através de desenhos e pinturas e são as chamadas pinturas rupestres, os primeiros registos desse tipo de comunicação.

O surgimento de escritas baseadas nos sons que emitimos ao falar foi o grande avanço que permitiu um sistema mais fácil para a leitura e o registo dos factos.

Cagliari (199), citado por Mapurunga (2009, p. 143), afirma que para se chegar até a palavra escrita, como a que hoje usamos, o ser humano precisou percorrer um longo caminho. Sabemos que há quarenta mil anos o homem não apenas existia, ele pensava e também desenvolvia qualidades artísticas, pois fazia diversas pinturas nas paredes das cavernas, tais como cavalos, touros, etc, o que conhecemos como escrita pictográfica. Cagliari processegue a afirmar que anteriormente a escrita era feita sobre as pedras (pictogramas) e não era considerada como algo normal, daí, a atribuição de um grande significado, sem ao menos se ter em mente o que aqueles desenhos em pedras viriam a significar. No princípio, esses trabalhos artísticos eram feitos no fundo das cavernas, e não na entrada, onde os homens tinham maior acesso. Por isso, o homem pensava que essas figuras possuíam um significado mágico. Mais tarde foram surgindo tipos de desenhos que comunicavam alguma coisa. Era uma tentativa de escrita, embora fosse muito simples.

Com o passar do tempo, a escrita foi se transformando. O ser humano precisava escrever coisas mais completas. Aos poucos, as pessoas criaram hábitos de escrever e, com isso, veio a simplificação dos símbolos, para que o que fosse escrito tivesse a compreensão de todos.

Dois povos que viram desde cedo a evolução da escrita, tal como refere Cagliari (199), citado por Mapurunga (2009, p. 143):

A primeira escrita dos babilônios era bem codificada, feita em lajota de barro mole para escrever e um pequeno bastão em madeira ou ferro. Pela dificuldade de escrever linhas curvas de barro, passaram a fazer “marcas” na argila. Para o fazer usavam um estilete de ponta triangular, a cunha. Este processo de escrita denominou-se cuneiforme. Os egípcios inventaram uma escrita que era gravada sobre a pedra. Por mais trabalhoso que fosse, qualquer tipo de documento escrito possuía uma durabilidade eterna; característica forte da cultura egípcia, que dava grande importância a durabilidade das coisas.

Então, foi por meio dos gregos que se fez o modelo de letras usados nos dias de hoje bem como o estabelecimento de regras de escrita, regras que incluem o uso de vogais e consoantes e da forma em como se deve começar a redigir um texto: da esquerda para a direita, tal como refere Amaury (2008).

Para a autora, o sistema de escrita do português usa vários tipos de alfabeto, apesar disso não é totalmente alfabético, usando além de letras, outros caracteres de natureza ideográfica como os sinais de pontuação e os números.

Se o objectivo da escola é que o aluno utilize a escrita em diferentes situações de comunicação, o ensino dessa linguagem deve ser contextualizado, isto é, a partir da diversidade textual presente na sociedade (livros, revistas, jornais, folhetos, rótulos, receitas, quadrinhos, cartazes...).

No entanto, é preciso deixar claro que para formar sujeitos competentes no domínio da linguagem escrita não basta proporcionar o contacto com diferentes textos, mas a mediação desse conhecimento por parte do professor.

Na óptica de muitos estudiosos a escrita continua sendo considerada uma das indispensáveis ferramentas de comunicação, em toda a esfera social.

Biber (1988), Marcushi (2010, p. 29) citado por Kondja & Kambuta (2015, p.10), afirmam o seguinte:

“(...) a introdução da escrita no mundo foi um feito notável e correspondeu a transição do “mito” para a “história” se nos apoiamos nos documentos. Foi a escrita que permitiu tornar a língua um objeto de estudo sistemático. Com a escrita criam-se novas formas de expressão e deu-se o surgimento das formas literárias. Com a escrita surgiu a institucionalização rigorosa do ensino formal da língua como objeto básico de toda formação individual para enfrentar as demandas das sociedades ditas letradas.”

#### **2.3.4. Diferenças entre a oralidade e a escrita**

Cada pessoa (falante) tem sua própria forma de falar; cada região possui marcas linguísticas (maneiras diferentes de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor) que a diferencia de uma outra; cada grupo adquire vocabulários que o caracterizam; enfim, vivemos em um país assinalado pela diversidade: branco ou negro, pobre ou rico; adolescente ou adulto, analfabeto ou letrado, entre outras. Tudo isso influencia tanto na hora de falar, quanto no momento da escrita porque, querendo ou não, deixamos nossas marcas na escrita. É inevitável querermos esconder essa maneira peculiar de cada um. Quando pronunciamos determinada palavra propicia a presença real, mais íntima, do interlocutor, além de ser mais fácil para o convencer de alguma coisa (depende da intenção do emissor), cobrando-se de maneira rápida a receptividade, enquanto na modalidade escrita isso não acontece tão facilmente e, quando acontece, dependerá também, da elaboração e construção do texto.

Segundo Vygotsky (1989), citado por Querido (2009, p.13), além da função comunicativa, a linguagem oral exerce papel preponderante na formação e organização do pensamento. Quando se interage verbalmente com alguém, o

discurso organiza-se a partir dos conhecimentos que se esperam que o interlocutor tenha sobre o assunto.

Diferentes autores em seus estudos corroboram da ideia de que a escrita é mais elaborada em relação a oralidade, apesar de as mesmas estarem interligadas em termos de realização ou utilização, mas Silveira (p.7, 2013), não deixa de ressaltar o tempo que se produz a comunicação, seja esta escrita ou não: a distinção entre língua oral (língua espontânea) e escrita (língua formal planejada) tem sua influência nas afirmações sobre o tempo que os indivíduos levam no processo de aquisição da língua materna na variante escrita. O natural é que aprendamos somente na escola a variante formal planejada, antes apenas restrita ao uso informal, espontâneo da língua. Algumas pessoas até têm contacto com materialidades discursivas formais através de revistas, anúncios publicitários antes do contacto com ambiente escolar. Porém, a língua escrita é planejada por ser mais elaborada que a espontânea (sua variante informal, a fala) e, para algumas pessoas, ocorre até que estas venham a possuir dificuldades no aprendizado da primeira, comprovando que esta não é apenas transposição da fala para o papel. Mesmo que as crianças não dominem a escrita, elas percebem que nem todas as construções da fala fazem parte da escrita, sendo algumas até mesmo abominadas por ela.

Por sua vez, Koch (1992, p. 68), citado por Camargo & Rodrigues (2004, p.4-5), apresenta-nos algumas características julgadas indispensáveis sobre oralidade e escrita:

**Tabela nº 4 – Quadro comparativo da oralidade e escrita**

<b>ORALIDADE</b>	<b>ESCRITA</b>
Não planeada	Planeada
Incompleta	Não fragmentaria
Pouco elaborada	Completa
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Elaborada
Pouco uso de passivas	Predominância de frases completas, com subordinação abundante. Emprego frequente.

A linguagem oral, por se desenvolver espontaneamente, é caracterizada pela hesitação, repetição, pausas na voz. E nisso, a oralidade espontânea difere da leitura em voz alta. Um repórter, por exemplo, não fala naturalmente quando lê uma reportagem, uma vez que o que ele diz não é dele.

Desse modo, tanto a oralidade como a escrita devem ser trabalhadas na sala de aula. Não como dois processos radicalmente opostos, mas apenas diferenciados, pois a aprendizagem da escrita deve ser mediada pela oralidade, de modo a que os alunos percebam as propriedades e funções de cada uma delas.

Assim, no texto oral, há presença constante de elipse, uma maior liberdade quanto às exigências de concordância verbal e nominal, o vocabulário é mais genérico do que o exigido no padrão escrito, onde determinadas expressões por

mais que pareçam inaceitáveis na escrita, conferem na oralidade uma certa aceitabilidade gramatical. Em contrapartida, o texto escrito não pode haver repetição de ideias, ou seja, redundância, as orações são, na sua maioria, justapostas ou coordenadas, havendo pouca incidência de subordinação.

Silvera (2013; p. 63) :Na língua oral, as pausas e a entoações marcam o final de um tema e a passagem para outro novo. Isso é facilmente perceptível. O problema, na verdade, surgiu quando se iniciou a prática da leitura silenciosa, que foi quando houve a diminuição da leitura em voz alta. Desse modo, temos que levar em consideração que não é eficaz ensinar a pontuação como reflexo da oralidade, porque não é possível estabelecer de que modo no escrito estarão correspondidas as pausas ou as mudanças de entoação na língua oral e a necessidade de pôr uma vírgula, por exemplo.

A relação entre as letras e os sons da oralidade é sempre muito complicada pelo facto de a escrita não ser o espelho da oralidade e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras. Cagliari (1992), Mapurunga (2009, p. 143) por sua vez, é peremptória em afirmar que é uma ilusão pensar que a escrita é um espelho da oralidade. A única forma de escrita que retrata a oralidade, de maneira a correlacionar univocamente letra e som, é a transcrição fonética”.

Na escrita do português existem também alguns sinais gráficos que conferem um valor sonoro especial às letras ou a conjuntos de letras; são os chamados sinais diacríticos: acento agudo, acento grave, til, acento circunflexo, trema e, ainda, ponto de interrogação, exclamação, ponto final, reticências, aspas, etc. A oralidade e a escrita são em parte, resultantes uma da outra, mas é preciso salientar que na fase inicial é a escrita que tenta representar a oralidade. Marcuschi (no seu livro Fala e Escrita 2005, p.17-23), apresenta as seguintes diferenças existentes entre a oralidade e escrita:

a) *As diferenças entre oralidade e escrita podem ser melhor observadas nas actividades de formulação textual manifestadas em cada uma das duas*

*modalidades, e não em parâmetros fixados como regras rígidas. Essas actividades dão-se, na oralidade, em tempo real, o que acarreta diferenças com a escrita, em razão da natureza do processamento.*

*b) Fala e escrita distinguem-se quanto ao meio utilizado.*

Em certo sentido, essa é a única distinção dicotómica entre a oralidade e a escrita e com repercussões significativas, na medida em que se funda na forma de representação. A oralidade na medida em que é som, tem presença fugaz, e a escrita, na medida em que é grafia, tem presença duradoura.

Considerando-se, portanto, que a escrita é uma espécie de representação abstracta e não fonética da oralidade, não consegue reproduzir uma série de propriedades da oralidade, tais como o sotaque, o tom de voz, a entoação, a velocidade, as pausas, etc. Isso é suprido, na escrita, por um sistema de pontuação convencionado para operar, representando, de certa forma, aquelas funções da oralidade.

*c) O tempo de produção e recepção, na oralidade, é concomitante e, na escrita, é desfasado.*

O tempo da oralidade e da audição é o mesmo nas situações de diálogo face a face, ao passo que entre a escrita e a leitura dá-se uma diferença temporal. Uma das consequências disso é a impossibilidade de revisão no caso da oralidade, e a sucessiva remodelação do texto na escrita. Daí a aparência de caos quando observamos a transcrição de um texto falado, já que tudo o que é produzido ao longo do tempo permanece. Na escrita, só resta o que o autor quer. Ele pode rever-se, seleccionar outros itens lexicais, mudar a estrutura, cuidar do estilo, etc., sem que isso apareça na versão final.

## **2.2. Marcas da oralidade na escrita**

A escrita não é uma transcrição fiel da fala, pois a mesma não consegue traduzir todos os sons que a fala possui. Há na Língua Portuguesa, uma norma, presente em diversas gramáticas, apresentando-nos a forma correcta de grafar as

palavras. Observamos nos estudos dos autores citados anteriormente que a escrita não é uma imitação da oralidade.

Quando o aluno faz da sua escrita uma transcrição fiel da oralidade, incorre para as marcas da oralidade na escrita.

Segundo Sílvio Cavalcante (s.d), marcas da oralidade são recursos ou expressões próprias da oralidade, repetições, frases interrompidas e marcadores conversacionais, mantidos em textos escritos para preservar a situação comunicativa.

Para Roberta Rinaldi (2019), marcas de oralidade são traços ou transcrições das nossas falas quotidianas (linguagem coloquial), que podem estar presentes em nossos textos. Tratam-se de expressões comuns em diálogos (como: “né?”, “tá”, “viu?”), mas que não se encaixam na norma culta da Língua Portuguesa. Quando se nota tais desvios, incorremos para marcas da oralidade na escrita, sendo assim, implicará a realização de estudos para a mitigação das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Quando o aluno apresenta as dificuldades acima citadas, ou seja, ora palavra escrita de forma correcta, ora escrita como se estivesse diante da oralidade, terá dificuldades imensas em seguir seus estudos de português, precisando de um auxílio ou orientação para que supere tal dificuldade.

Uma criança que escreve *disi* não está a cometer um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflecte sua percepção da oralidade. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo o modo como ela pronuncia. Cagliari (1993, p. 31), citado por Silva (2012; p. 429).

Numa redacção, o aluno tende a grafar de forma correcta a palavra, mas em seguida escreve-a de forma errada como se estivesse a usar a oralidade. Para a mesma autora, quando isso acontece, quer dizer que o aluno está a transpor para a fala algo que a escrita ortográfica insinua (ou que faz lembrar a fala artificial da professora...).

Tendo em conta a realização aturada da língua em sala de aula, sabe-se que se trabalha mais com a língua escrita, mas é com a língua oral que se dá o seu uso mais comum no dia-a-dia do aluno. Além disso, a criança, o jovem ou o adulto já sabe falar com propriedade e eficiência comunicativa a sua língua materna quando entra na escola, e a sua fala pode apresentar marcas ao passar para a escrita, sobretudo no período inicial da alfabetização, já que a oralidade tem modos próprios de organizar, desenvolver e manter as actividades discursivas. Isto permite-nos entender um pouco mais as relações sistemáticas entre oralidade e escrita e suas influências mútuas.

Produzir um texto é uma tarefa difícil, tanto para o professor que ensina como para o aluno disposto a aprender, pois fazer produções textuais exige disposição, conhecimento do mundo, uma intenção, objectividade, coerência, leituras diversas, entre outros pontos de vista indispensáveis para uma boa redacção. A oralidade (fala) é diferente da escrita sob muitos aspectos, pois cada uma dessas modalidades tem características próprias, mas uma influencia a outra, especialmente a oralidade na escrita, deixando marcas tal como já se fez referência acima. Os gramáticos afirmam que, a oralidade é mais fácil, mais usada em nosso dia-a-dia, permite-se alguns “erros”, obviamente sem exageros. A escrita é mais complexa, rígida, rebuscada obedecendo à norma. A oralidade talvez por ser mais usada deixa, muitas vezes, suas marcas em textos escritos. Ambas são realizações de uma mesma gramática, mas há variação na forma pela qual as actividades linguísticas são distribuídas entre as duas modalidades devido as diferenças temporais, sociais e individuais. Sob essa visão, pode-se aduzir que a escrita tem uma forma canónica e muito mais convencionalizada do que a oralidade.

### **3.2.1. Categoria de marcas da oralidade na escrita**

Marcas da oralidade na escrita constituem desvios à norma da língua. Razão pela qual, merecerão uma atenção especial, pois, as redacções dos alunos, serão analisadas tendo em atenção esses aspectos. Marcas da oralidade, são interferências da linguagem oral na linguagem escrita.

A grelha das marcas da oralidade na escrita utilizada para a análise das redacções produzidas pelos alunos do Liceu 1202 do Município de Caluquembe, surge da fusão da classificação de erros ortográficos utilizada nos estudos de Zorzi (1998), citado por Vieira (s. d, p. 2) e da categoria de erros decorrentes da oralidade, nos estudos de Bortoni-Ricardo (2005), citada por Carvalho e Rosa (2012, p.10-13) e Hitz (p.8-10).

Classificação de erros ortográficos utilizada nos estudos de Zorzi (1998)

1. Representações múltiplas
2. Apoio na oralidade
3. Omissões
4. Junção-separação
5. Confusão de am com ão
6. Generalização
7. Trocas surdas/sonoras
8. Acréscimo
9. Letras parecidas
10. Inversões
11. Acentuação/hífen
12. Erros Múltiplos
13. Outras alterações

Categoria de erros decorrentes da oralidade nos estudos de Bortoni-Ricardo (2005)

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita.
2. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialecto estudado.
3. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais.
4. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas

- a) semivocalização do /lh/: velho >> veio;
- b) epítese ou paragoge do /i/ após sílaba final travada: paz>> pazi, pessoal >> pesuali;
- c) troca do /r/ pelo /l/: sirva>silva;
- d) supressão do ditongo crescente em sílaba final. Ocorrem dois casos, em ditongo oral e nasal: veio >> vei, padrinho>> padrim;
- e) simplificação dos grupos consonantais no afixo de sílaba, com a supressão da segunda consoante: dentro >> dentu.

Da classificação apresentada por Zorzi, seleccionamos, alguns elementos que precisaram de um aprimoramento, pois alguns deles possuem semelhanças com os elementos da categoria de Bortoni-Ricardo, enquanto que outros elementos não têm a ver com a categoria exigida na nossa pesquisa: marcas da oralidade na escrita. Assim, a nossa categoria apresenta os seguintes elementos:

1. Troca de vogal aberta /o/ por vogal fechada /u/ e vice-versa;
2. Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/;
  - a) Palatal ou anterior: quando articulada na parte anterior da cavidade bucal, com a língua elevada em direcção ao palato duro, próximo dos dentes;
3. Casos de monotongação versus ditongação;
4. Casos de epítese ou paragoge do /i/ e do /e/ após sílaba final travada;
5. Uso de marcadores conversacionais na escrita;
6. Marcas decorrentes da troca de consoantes surdas e sonoras oclusivas:
  - a) Bilabiais: /p/, / b/;
  - b) Linguodentais: /t/, /d/;
  - c) Linguopalatais: /k/, /g/;
7. Marcas decorrentes da oralização das vogais átonas finais;
8. Marcas decorrentes da queda do /r/ final nas formas verbais;
9. Marcas decorrentes da omissão de letras.

## **Conceitos**

### **1. Troca de vogal aberta /o/ por vogal fechada /u/ e vice-versa:**

São abertas as vogais quando são pronunciadas com maior abertura da cavidade bucal. Fechadas quando pronunciadas com a boca quase fechada ou menor abertura da cavidade bucal.

Ex.: consumir>consomir, cozinhar>cuzinhar, monetário>munitário.

### **2. Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/ e posteriores /o/ e /u/**

**a) Palatal ou anterior:** quando articulada na parte anterior da cavidade bucal, com a língua elevada em direção ao palato duro, próximo dos dentes.

### **3. Casos de monotongação versus ditongação;**

Para este caso, diga-se também que há influência de regras graduais, ou seja, aumenta e/ou diminui por grau: crescente, decrescente, em casos de vogais e semivogais Baronas (2009, p.10).

Monotongo considerado um facto muito comum na língua falada, é a tendência fonética da supressão de uma semivogal nos ditongos crescentes ou decrescentes. Exemplos: veleiro\_ velero, parou\_ paró.

Para Botelho (2016. p.7), monotongação é o nome dado à transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. Ex.: rouba>roba, louco>loco, caixa>caxa, pouco>poco, queijo>quejo, peneira>penera, etc.

Na linguagem oral há, por vezes, a tendência de ao pronunciarmos determinadas palavras, suprimirmos um som vogal, julgando ser um processo normal, por força de expressão. Ao ser transcrito fielmente, origina marcas da oralidade que serão observadas no nosso trabalho.

Ditongo é a sequência de vogal e semivogal (ditongo decrescente) ou semivogal e vogal (crescente), no interior de uma única sílaba, em que a vogal constitui o núcleo da sílaba. Cunha e Cintra (2006, p.36), denominam por ditongo o encontro de uma vogal e uma semivogal, ou de uma semivogal e de uma vogal.

Estas vogais podem ser crescentes e decrescentes. Os ditongos podem ser orais e nasais.

Exemplos: quero>queiró, bandeja>bandeija, alejar>aleijar, tocar>toucar, etc.

Quando se faz a adição de uma das vogais ou semivogais, nos exemplos acima, estaremos diante de casos de ditongação, incorrendo para marcas da oralidade na escrita.

#### **4. Casos de epítese ou paragoge do /i/ e do /e/ após sílaba final travada**

Epítese ou também paragoge é a adição de um som ou uma sílaba no final de uma palavra.

Botelho (2016. p.2), afirmam que paragoge ou epítese, ocorre, no entanto, quando inserimos um fonema no vocábulo, aumentando assim a sua forma fonética. Um processo comum da oralidade e que, não pode ser transportado para a escrita. Definem-no como o metaplasmo que acrescenta um fonema no final da palavra. Ex.: mártir >mártire; variz >varize, fazeri, estudari, morreri.

#### **5. Uso de marcadores conversacionais na escrita**

Marcadores Conversacionais ou ainda marcadores Linguísticos são fenómenos que ocorrem na linguagem oral, em situações face a face entre interlocutores.

Urbano (1993, p.85), citado por Galembeck e Carvalho (s.d. p.3), é peremptório em afirmar que marcadores conversacionais são unidades típicas da fala, doptadas de grande frequência , recorrência, conversacionalidade , idiomatidade e significação discursiva-interaccional . ajudam a construir e dar coesão ao texto oral, normalmente facilitando a compreensão por parte do interlocutor. Por sua vez, Marcuschi (1989, p.282), Castilho (1989, p. 273-274), citados pelos mesmos autores, corroboram na ideia de que os marcadores conversacionais têm um caracter multifuncional, pois operam como organizadores da interação , articuladores de textos.

Assim, Galembeck & Carvalho (s.d. p.4), apresentam uma classificação de marcadores conversacionais, composta por início, meio e fim. Onde, no início inclui expressões como: acho que, , não, não é assim, mas. Classificação médias, que faz inclusão de elementos como: né?, sabe?, entende?, digamos.

Finais: né?, não é?, entendeu? ,perguntas directas como se estivesse a dialogar oralmente. Os marcadores conversacionais prefaciam opiniões.

O uso da expressão “aí “indica o uso de um marcador conversacional, esse é um marcador normalmente utilizado para marcar a continuidade do que se está a narrar, algo que é depreciado na linguagem escrita. É frequente na linguagem dialogada e, serve para indicar que, aquele que fala (falante) se terá lembrado de alguma coisa.

Sendo elementos característicos da oralidade, far-se-á uma análise nas redacções dos alunos, para se certificar se os alunos recorreram ou não a estes elementos para expressar suas intenções.

## **6. Marcas decorrentes da troca de consoantes surdas e sonoras oclusivas:**

As consoantes oclusivas são produzidas quando há um fechamento completo dos articuladores, impedindo a passagem do ar pelo canal bucal. São surdas quando não há vibração das cordas vocais (p, t, q) e, sonoras quando há vibração das cordas vocais (b,d,g), assim, afirma Matos (2010, p.69).

- a) **Bilabiais:** quando há contacto dos lábios (p, b);
- b) **Linguodentais:** quando há aproximação ou contacto da zona anterior à ponta da língua com a face interior dos dentes do maxilar superior ( t, d);
- c) **Linguopalatais:** quando há contacto do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca (k,g).

### **7. Marcas decorrentes da oralização das vogais átonas finais:**

faz referência a casos de vogais finais nasalizadas (cujo som é propagado através da via nasal e bucal embora haja menos força expiratória), em que o falante as pronuncia apenas pela via bucal, oralizando-as e, este passa da mesma forma para a escrita como se esta fosse imitação fiel da fala.

De acordo com Pedrosa (s.d.p.4), a oralização das vogais pode ser efectivada comumente nas formas verbais (pretérito perfeito e imperfeito do indicativo), em verbos do pretérito perfeito do subjuntivo e infinitivo pessoal, como também em nomes e advérbios.

Em formas verbais em que se verifica a oralização das vogais como [´foru], [ma´taru], em advérbio como [ne´ηu] e em nomes como [pul´mu], um fonema nasal passa a ser oral e a desinência número-pessoal nas formas verbais [m] especialmente, aparece modificada. Com a modificação verificada, as formas verbais, nominais e adverbiais, aparecem com o fonema oral modificado. Podendo, no entanto, tal forma, ser aceita na oralidade, mas dispensada na escrita padronizada.

### **8. Marcas decorrentes da queda do /r/ final nas formas verbais:**

quando o falante ao pronunciar determinada palavra faz a supressão do /r/ final, mas para o nosso caso, nos verbos que se encontram no infinitivo.

Ex.: escrever> escrevé, vender> vendé, falar>fala, caminhar>caminhá, etc.

### **9. Marcas decorrentes da omissão de letras:**

quando se suprime de forma voluntário ou não uma letra na palavra. É frequente na oralidade de um indivíduo a omissão ou supressão de um fonema e é aceite. Essa supressão pode acontecer no início de uma palavra (aférese), meio (síncope) e fim (apócope). Quando este passa para a grafia (escrita), torna-se uma marca. Ex.: espera>pera, está>tá, para>pra, etc.

## **CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS**

### **3.1. Levantamento dos dados**

#### **3.1.1. Instrumentos de colecta de dados**

Para colecta de dados os alunos da escola acima designada foram estimulados a produzirem livremente os textos nas temáticas: “Causas e consequências do consumo de bebidas alcoólicas”. e “Crise económica financeira. Vantagens e desvantagens”.

### **3.2. Metodologia de análise**

Marcas da Oralidade na escrita acontece quando o falante usa a escrita como se estivesse a dialogar oralmente com a alguém. O falante encara a escrita como uma imitação da fala.

As redacções a serem analisadas foram desenvolvidas em salas de aula, sendo três turmas, sob a temática “Crise económica financeira. Vantagens e desvantagens” uma turma, cujo tema se prende com “Causas e consequência do consumo de bebidas alcoólicas”.

Dos 165 alunos matriculados neste Ano Lectivo 2019, na 11<sup>a</sup> classe, pudemos recolher 154. Não separamos as redacções, pois julgámos necessário a análise de todas as redacções apresentadas.

Na redacção “Causas e consequência do consumo de bebidas alcoólicas” (Ciências Humanas), de forma livre, cada aluno procurou exprimir o quão importante era o tema em si, mas ainda era visível a preocupação no rosto de alguns alunos que não tinham ideias claras para começar a redigir o texto, embora estivessem na 11<sup>a</sup> classe. Alguns alunos, por fim, não puderam redigir quase nada (três ou quatro linhas redigidas).

Para a outra turma nos servimos da temática “Crise económica financeira. Vantagens e desvantagens”, aplicada pelos professores titulares durante a realização da prova do professor de Língua Portuguesa. Para além de terem sido acautelados sobre a cotação da redacção enquanto parte da prova, os alunos

foram informados que as suas redacções serviriam de análise para um estudo de investigação em Língua Portuguesa, mas que os seus nomes não fossem revelados, pois era importante para o estudo as cópias das suas redacções.

Efectuou-se a numeração das redacções recolhidas de 1 a 154, em seguida a selecção das redacções dos alunos, recorrendo à tabela de números aleatórios em anexo que ditará a amostra do nosso estudo investigativo.

Para se seleccionar as redacções por meio da tabela de números aleatórios, fez-se a leitura dos últimos três dígitos da segunda coluna da mesma e seleccionamo-los.

A nossa amostra é constituída por 10% das redacções dos alunos que equivale a 15,4. Assim, seleccionamos 16 textos para análise.

Por exemplo, para a primeira redacção enumerada os três dígitos da tabela são 097. Portanto, estaremos a analisar a redacção número 97. O segundo número da tabela é 742890. Contudo, 890 são os últimos 3 dígitos, mas que ultrapassam ao número de redacções recolhidas, no caso, 154. Quando assim sucede, ou seja, quando ultrapassa o número da população, passa-se para o número seguinte até que se encontre um número que esteja dentro de 154. Assim, o segundo número é 19, o terceiro, 65, quarto, 60, quinto, 72, sexto, 104, sétimo, 62, oitavo, 58, nono, 21, décimo, 11, décimo primeiro, 103, décimo segundo, 33, décimo terceiro, 93, décimo quarto, 79, décimo quinto, 27 e décimo sexto, 94.

Todas as marcas identificadas são essenciais para a nossa pesquisa “*marcas da oralidade na escrita*”, tal como já se fez referência. Seleccionamos aleatoriamente algumas, que estarão no anexo deste trabalho de investigação. Esses factos por se revelarem elucidativos para a explicação e análise das marcas da oralidade na escrita, constituem, portanto, categorias que agora utilizamos para a análise das redacções dos alunos.

Antes de começarmos com a análise, apresentamos uma tabela que ilustra o desempenho dos alunos de acordo com as categorias propostas.

**Tabela nº 5 - Categoria de marcas da oralidade na escrita**

<b>º</b>	<b>Categoria de marcas da oralidade na escrita</b>	<b>Total de marcas detectadas</b>	<b>Percentagem</b>
1	Troca de vogal aberta /o/ por vogal fechada /u/ e vice-versa	7	11.4%
2	Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/ a) Palatal ou anterior /e/ e /i/	18	29.5%
3	Casos de monotongação versus ditongação	5	8.2 %
4	Casos de epítese ou paragoge do /i/ e do /e/ após sílaba final travada	2	3.2 %
5	Uso de marcadores conversacionais na escrita	8	13.1 %
6	Marcas decorrentes da troca de consoantes surdas e sonoras oclusivas : a) Bilabiais: /p/, / b/ b) Linguodentais: /t/, /d/ c) Linguopalatais: /k/, /g/	0	0 %
		6	9.8 %
		0	0 %
7	Marcas decorrentes da oralização das vogais átonas finais	2	3.2 %
8	Marcas decorrentes da queda do /r/ final nas formas verbais	3	4.9%
9	Marcas decorrentes da omissão de letras	10	16.3 %
	<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>100 %</b>

### 3.3. Análise das redacções dos alunos

#### 1. Troca de vogal aberta /u/ por vogal fechada /o/ e vice-versa

##### Exemplos:

“...e a pessoa que consume para roubar bem. Mais há pessoa que bebe a travez da frustração...há pessoa que quando **consume** alcoo fica muito feliz...eu tinha um tio que fica bem quando **consume** alcoo” Redacção nº 93, oitava, décima primeira e décima terceira linha. **(Português Padrão = consome)**.

“...Ensina-nos a poupança dos valores **munitários**”; redacção nº 59, sexta linha. **(Português padrão = monetários)**.

“...porque não faz nada sinão **consume** alcoo é um estado depresível muito mal...” Redacção nº 103 **(Português Padrão = consome)**.

“Uma das causa Economica em Angola é a **currupção**. Se bem que o chefe de estado Camarada João Lourenço quer parar com a corrupção...com a corrupção no nosso país mais isso não vai ser possível se os **currupto** não sairem ao seu radar. ” Redacção nº 58, da nona linha à décima segunda, sexto parágrafo. **(Português padrão = corrupto)**.

“...os hospitais não temem **subcideu** de medicamento...” Redacção nº 56, décima sétima linha. **(Português padrão = subsídio)**.

Foram identificadas 7 marcas.

#### 2. Neutralização das vogais anteriores e posteriores /e/ e /i/

##### a) Palatal ou anterior /e/ e /i/

##### Exemplos:

“O estado unida da America que compavam o **petrolio** com um presso mais elevado mais elevado...” Redacção nº 62, da segunda linha à nona linha.

“...da baixa do preço do **petrolio** no mercado internacional...” Redacção nº 90, quinta linha, primeiro parágrafo. **(Português padrão = petróleo)**.

“...o consumo de bebidas alcoólica é risco porque um **endividuo** quando esta bebado esse não tem juiso, e não tem respeito nem médo...” Redacção nº 33, quinta linha, primeiro parágrafo. **(Português Padrão = indivíduo).**

“...a divida publica Angolana que deve crescer de 18% este ano 2018 não **amiaçar** em impotecar as gerações futuras...de todas as **arias** para satisfazer as necessidade.” Redacção nº 65, quarta linha, terceiro parágrafo e penúltima linha, quarto parágrafo. **(Português Padrão = ameaçar, área).**

“...para não **amiaçar** em impotecar as gerações futuras.” Redacção nº 90, terceira e quarta linha, terceiro parágrafo.

“...passamos adedicar-se mais muito na **ária** de **inpriênedorismo** para dinamizare esta crise...”**(Português padrão = área, empreendedorismo).**

“...a crise trou-se uma **disvantagem** no meio da sociedade por causa do petróleo...” Redacção nº 104, primeira linha, primeiro parágrafo **(Português padrão: desvantagem).**

“...não faz nada **sinão** consume e também economicamente fica falido...quando as bebidas alcoólicas chegarem a um nível elevado a pessoa fica debilitada e **dependenti** do mesmo e aí é o estado mais orivel porque não faz nada **sinão** consume alcoo é um estado depresível muito mal...não aconselho nenho ser humano com as suas capacidades mentais em dia a consumilas porque vai **si** arrepende mais vai ser tarde **di** mais. ” Redacção nº 103 **(Português Padrão = dependente, senão, demais, se).**

“...ainda Angola importa produtos **disnecessários**...criar pequenas **impresas** o empreendedorismo nacional.” Redacção nº 72, sétima linha, quarto parágrafo e penúltima linha, décimo primeiro parágrafo. **(Português padrão = desnecessário, empresas).**

“...deve **investir** mais na agricultura “. Redacção nº 11, última linha **(Português Padrão = investir).**

“...os hospitais não têm **subcideu** de medicamento...”. Redacção nº 56, décima sétima linha. **(Português padrão = subsídio)**.

Foram identificadas 18 marcas

### 3. Casos de monotongação versus ditongação;

#### Exemplos:

“...causa que os órgãos que é os pulmões vão **quemar** dentro...” Redacção nº 97, segunda linha, terceiro parágrafo. **(Português Padrão = queimar)**.

“...**decha** o homem ou o consumidor fica muito dependente do álcool... Redacção nº 103 **(Português Padrão = deixa)**.

”...em suma o **individo** deverá sufocar tudo e deslocar para ir ao encontro do mesmo.” Redacção nº 62... **(Português padrão = individuo)**.

“...seja a má gestão das coisas públicas, **dinhero** do país.” Redacção nº 11, quinta linha, segundo parágrafo. **(Português padrão = dinheiro)**.

“.....como **subemos** a maior parte da população Angola sobre viver da agricultura.” Redacção nº 60, da segunda à oitava linha, segundo parágrafo. **(português padrão: soubemos)**.

Identificadas 5 marcas, todas são ditongos que foram transformados em monotongo.

### 4. Casos de epítese ou paragoge do /i/ e do /e/ após sílaba final travada;

#### Exemplos:

“...passamos a dedicar-se mais muito na área de **empriêndoris**, para **dinamizar**...”. Redacção nº 62, vigésima linha **(Português Padrão = dinamizar)**.

“...seres um bom **empriêndore** de negócio.”. Redacção nº 62, vigésima primeira linha **(Português Padrão = empreendedor)**.

Identificadas 2 marcas.

### 5. Uso de marcadores conversacionais na escrita

**Exemplos:** “Uma das causas económicas em Angola é a corrupção. **Se bem que** o chefe de estado Camarada João Lourenço quer parar com a corrupção...com

a corrupção no nosso país mais isso não vai ser possível se os corrupto não saírem ao seu radar.” Redacção nº 58, da nona linha à décima segunda, sexto parágrafo. **(Português padrão = ...embora o Chefe de estado queria acabar com a corrupção).**

*“...antes que eu va ao amago deste ponto gostaria dizer que a palavra crise quer dizer momento perigosos...em Angola eu digo que comesou em 2014 e tendo a maior frequência em 2015 e 2016...como subemos a maior parte da população Angola sobre viver da agricultura.” Redacção nº 60, da segunda à oitava linha, segundo parágrafo.*

*“...pelos os professores os fucionario os policiais **ái sim** eles podem tentar algumas vai que não mas tentam de comprar; mas neste emprego citado por Ex.:desses emprego citado se um deles ou trabalhador que seguem...” Redacção nº 104, oitava à décima primeira linha, segundo parágrafo.*

*“.....quando as bebidas alcoólicas chegarem a um nível elevado a pessoa fica debilitada e dependenti do mesmo e **ái** é o estado mais orível.” Redacção nº 103. **Português Padrão =...dependente do mesmo e é o estado mais orível).***

**“depois de você tomar ou consumir alcoo sentiras que o peito estará prejudicado** porque a fecta nos pulmões com aquela margura estarás desesperado”. Redacção nº 27, última linha. **(Português Padrão =“depois de alguém tomar ou consumir álcool sentirá o peito prejudicado porque afecta os pulmões e, com aquela amargura a pessoa tende a ficar desesperada).**

*“...e quando não consume fica doente mais poucos anos ele viveu e morreu e dali viqui o alcoolismo e muito mesmo prejudicial”. Redacção nº 93, última linha. **(Português Padrão = e percebi que... ).***

Foram identificadas 8 marcas.

## **6. Marcas decorrentes da troca de consoantes surdas oclusivas**

### **a) Bilabiais: /p/, /b/;**

Para este caso, não foram identificadas marcas da oralidade.

### **b) Linguodentais: /t/, /d/;**

**Exemplos:** “...os nossos diregentes que fazem parte dessa tal economia passam a gerir bem também não **dependento** muito do estado...”.

Redacção nº 62, décima oitava linha. **(Português padrão = dependendo).**

“...a ideia que o financeiro apenas **aprente** de baixo do preço de um petrolio no mercado internacional...” Redacção nº 65 sétima linha, primeiro parágrafo.

**(Português Padrão = aprende).**

“...é mas de 30% desempregados **em quando** a dívida pública Angolana...”

Redacção nº 90, segunda linha, terceiro parágrafo. **(Português Padrão = enquanto).**

“...por Ex.: das pessoas que **depente** do campo é difícil de comprar uma coisa...”

Redacção nº 104, segunda linha, segundo parágrafo **(Português padrão: depende).**

“as bebidas alcoólicas são aquelas não aconselháveis na vida do homem e provocada por **desentendimento** familiar...” Redacção nº 21, terceira linha, segundo parágrafo. **(Português Padrão = desentendimento).**

“...falta de **intintimento**...” Redacção nº 27, sexta linha, terceiro parágrafo.”

**(Português Padrão = entendimento).**

6 marcas identificadas.

### **c) Linguopalatais: /k/, /g/;**

Não foram registadas marcas da oralidade.

## **7. Marcas decorrentes da oralização das vogais átonas finais;**

**Exemplos:**

“...não aconselho **nenho** ser humano com as suas capacidades mentais em dia a consumilas...” Redacção nº 103 **(Português Padrão = nenhum ).**

“...a bebida alcoólica prejudica os **pulmos** mas eles próprios não coceguem identificar”. Redacção nº 27, sétima linha. **(Português Padrão = Pulmões).**

Identificadas 2 marcas.

## 8. Marcas decorrentes da queda do /r/ final nas formas verbais;

### Exemplos:

...em 2011 a gasolina compravamos a 60 kz, diferente de 160 kz, de onde vamo **pará...** Redacção nº 104, , quinta linha, segundo parágrafo (**Português padrão: parar**).

“...**luta** contra a impunidade e corrupção.” Redacção nº 72, penúltima linha, décimo primeiro parágrafo. (**Português Padrão = lutar**)

“...vai si **arrepende** mais vai ser tarde di mais...” Redacção nº 103 (**Português Padrão = arrepender**).

Foram identificadas 3 marcas.

## 9. Marcas decorrentes da omissão de letras ou sons.

### Exemplos:

“E outra causa é o petroleo porque o nosso país não **tava** em crise quando o preço do petroleo não **tava** muito assecivel.” (**Português padrão = estava**)

“...todo o dinheiro que o individuo trabalho só vai **pra** gastar na bebida. ”

Redacção nº 97, oitava linha, primeiro parágrafo. (**Português Padrão = para**)

“...**luta** contra a **ipunidade** e corrupção.” Redacção nº 72, penúltima linha, décimo primeiro parágrafo. (**Português Padrão = lutar, impunidade**)

“...e a pessoa que consume para roubar bem. Mais há pessoa que bebe a travez da **fustração**...há pessoa que quando consume **alcoo** fica muito feliz...eu tinha um tio que fica bem quando consume **alcoo**” Redacção nº 93, oitava, décima primeira e décima terceira linha. (**Português Padrão = frustração, álcool**).

“...saudade é quando pensamos em **algem** que está longe de nós...” Redacção nº 74, segunda linha. (**Português padrão =alguém**).

”...em suma o **individo** deverá sufocar tudo e deslocar para ire ao encontro do mesmo.”Redacção nº 62...(Português padrão = individuo).

Foram identificadas para este caso, 10 marcas.

## **CAPÍTULO IV: PROPOSTA DE TRABALHO PARA A REDUÇÃO DE MARCAS DA ORALIDADE NAS REDACÇÕES DOS ALUNOS DO LICEU 1202 DE CALUQUEMBE**

Quando as intervenções do professor ou de quem corrige não se faz transbordar de incentivo, fazem com que o aluno se ache incapaz de produzir um texto de forma correcta. Portanto, apresentamos abaixo a lista de propostas para a mitigação de marcas da oralidade na escrita:

- Deve-se conscientizar os alunos de que algumas palavras têm sua correspondência letra-som regulares e outras não. Alguns conhecimentos o aluno já traz consigo, precisa apenas de ser trabalhado em contexto escolar ou não.
- Para os casos sobre o uso de marcadores conversacionais na escrita (se bem que, digo que, aí sim e aí), o professor deve partilhar com os alunos, variados tipos de textos (informativos, narrativos, ficcionais, poéticos), cujo objectivo é de o aluno compreender os processos constitutivos e os recursos linguísticos empregados.
- Apesar de a escrita e oralidade pertencerem a um mesmo sistema linguístico, o professor deve aclarar a ideia de que os marcadores conversacionais são elementos característicos da fala, servem para delimitar as pausas, entoações e hesitações, algo dispensado na escrita.
- Quanto às marcas decorrentes da troca de consoantes surdas oclusivas linguodentais: /t/, /d/, implicará o trabalho com a oralidade em sala de aula. O professor, consciente de que a oralidade pode ser adquirida em ambiente informal, o que significa que o aluno adquire a fala no seio familiar e para o nosso caso, muitos dos alunos têm o português como língua segunda.
- O aluno deve ser incentivado a adquirir hábitos de leitura para que saiba grafar as palavras como se deve. Na sala de aulas, poderão ser partilhados diversos tipos de textos e em alguns casos, poderão produzir em casa. Apesar de o aluno pronunciar dependento, aprente, depente, em vez de

dependo, aprende e depende, pará, lutá, arrepende, influenciados pela força de expressão originando uma apócope, Dinamizare, empiêndedore (epítese ou paragoge), quemar, decha, individo (síncope), na sua escrita, deve observar a forma correcta das palavras.

- O professor não deve ridicularizar o aluno que faz imitação da oralidade em texto escrito, mas sim, incentivá-lo a melhorar a sua escrita, tendo a noção de que a escrita não é imitação ou tradução fiel da oralidade.
- O tempo disponível por aulas é bastante curto. No entanto, o professor deve procurar um espaço para a prática da oralidade e escrita. Na sala de aulas, de forma faseada, alguns alunos são seleccionados para contar histórias curtas, provérbios ou mesmo declamar poemas, depois de terminar, deverão fazê-lo de forma escrita, ou seja, no quadro e a correcção será feita por eles, com o auxílio do professor que deverá explicar aos alunos que a prosódia está presente apenas na oralidade e não deve ser passada para a escrita e que a escrita não é imitação da fala. A escrita e a oralidade são duas representações da língua.
- O trabalho da leitura deve sempre ser acompanhado com o da escrita porque quanto mais o aluno lê e escreve, maior é o domínio tanto do código oral como escrito.
- No trabalho com a passagem de textos orais para escritos, o aluno é incentivado para auto-correcção, anotando as possíveis marcas, depois de o professor dar detalhes sobre a forma correcta em que o texto deveria ser redigido. O professor deverá iniciar a aula discutindo as principais características da oralidade e da escrita e em que elas se diferem, quais adaptações são necessárias para transformar um relato oral em texto bem escrito. Que recursos são exclusivos da fala (funções dos gestos e da entoação e as hesitações e repetições de palavras, por exemplo).
- A proposta de uma gravação pode ser produtiva na aprendizagem. Solicita-se um voluntário que faça a gravação de uma história que mais lhe cativou e depois apresentar na aula, onde todos os alunos deverão transcrevê-la no caderno tal como ouvirem. Isto inclui mesmo as hesitações e as

repetições. Depois disso, no colectivo, reflectir a transcrição feita e iniciar com o processo de retextualização eliminando as possíveis marcas da oralidade.

- Ao professor, propõe-se que leia sempre diversos tipos de livros, com destaque para dicionários, gramáticas, prontuários. O professor deve consciencializar-se que só conseguirá ajudar os seus alunos se tiver domínio da língua e do seu sistema: oral e escrito.
- Extrair excertos de textos de algumas obras literárias para os seus cadernos ou folhas, uma vez que o ensino da língua se dá por meio de combinações de textos, não se limitando apenas no ensino de regras gramaticais e de avaliação de erros.
- O aluno deve ser incentivado a criar habilidades e desenvolver a capacidade auto-didacta para:
  - a) A solidificar os seus conhecimentos sobre som e letra e vice-versa, através da organização textos, criação de narrativas, poemas...(retextualização) e o professor deve primar pelos aspectos de coesão e coerência (correção), pois o aluno já está inserido num contexto no qual tenha maior contacto com actividades convencionais de escrita, provavelmente poderá apresentar um desenvolvimento em seu desempenho escrito.
  - b) Primar por procedimentos de auto-correção e a consequente capacidade de reestruturar a sua própria redacção . No acto da correção, o professor apenas irá sublinhar a marca identificada para depois ter a oportunidade de consultar a palavra correcta num dicionário de Língua Portuguesa.

## CAPÍTULO V: CONCLUSÃO

Em suma, inúmeros estudos foram levados a cabo sobre oralidade e escrita e os autores corroboram no facto de a oralidade, a escrita estarem no continuum tipológico. Por meio da nossa pesquisa, observamos que, mesmo a escrita fazendo parte de uma categoria (modalidade) diferente da oralidade, uma pode interferir na outra, ou seja, são duas especificidades diversificadas, porém, pelo facto de muitas vezes não serem suficientemente trabalhadas em sala de aulas. Por esta razão, a mais utilizada e menos padronizada tem tendências de influenciar a outra, para o nosso caso, a oralidade (modalidade usada a todo o momento pelo ser humano, seja ele um cidadão escolarizado ou não) e a escrita (mais trabalhada, padronizada, complexa). Conclui-se que os alunos da 11ª classe do Liceu 1202 escrevem tal como falam, ou seja, introduzem na escrita, elementos característicos da oralidade em textos escritos.

Das 16 redacções, foram identificadas e analisadas 61 marcas, com uma margem de 3,8 marcas em cada aluno.

Neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/, com 18 marcas, que equivale a 29.5, seguida de marcas decorrentes da omissão de letras com 10 marcas, equivalente a 16.3%, com menos marcas apresentadas estão os casos de troca de vogal aberta /o/ por vogal fechada e vice-versa, casos de epítese ou paragoge do /i/ e do /e/ após sílaba travada e, marcas decorrentes da oralização das vogais átonas finais com 2 marcas cada. Casos de marcas decorrentes da troca de consoantes surdas oclusivas: bilabiais: /p/, / b/; e linguopalatais: /k/, /g/ não foram identificadas marcas.

As marcas da oralidade presentes nos textos dos alunos, ilustram a ideia de que os alunos não reflectem na sua escrita. para transmitir suas ideias e pensamentos para a escrita, fazem-no como se estivessem a dialogar oralmente tal como ilustram os casos de marcadores conversacionais, troca de consoantes surdas e sonoras, bem como dos casos de neutralização.

Os alunos confundem o uso das vogais /e/ e /i/ pós e pré-tónicas respectivamente. Para palavras como: ária, desnecessário, desvantagem, \*amiaçar, grafadas nas redacções dos alunos, estão ligadas a neutralização das vogais anteriores, pois confunde-se o uso das vogais /e/ e /i/ pós e pré-tónicas respectivamente. Na redacção nº 104 e 60, percebe-se que há uma prolixidade muito própria da fala, partindo do pressuposto de que na escrita o emissor ou redactor costuma ser directo.

Um, facto que também se prolonga aos casos de monotongação e ditongação, em que na oralidade, por força de expressão, tendemos a suprimir um dos sons. Se o falante, no nosso caso, aluno, não reflectir na sua escrita, ou não tiver domínio da escrita, incorrerá para erro (marcas da oralidade). o fraco domínio da escrita contribui para a troca de consoantes surdas e sonoras oclusivas, linguopalatais, conforme apresenta-nos as redacções 21, 27, 62, 65, 90 e 104.

É comum na oralidade a supressão do /r/ final nas formas verbais(apócope). A supressão que torna a vogal mais aberta ainda, o aluno tende, numa sílaba tónica apenas, torna-la também gráfica: “pará”, redacção nº 104, enquanto, para outros casos, há queda do “r” final próprio da oralidade, dispensado na escrita padronizada.

O aluno nº 58, exemplo, escreve a palavra corrupção como se estivesse a pronunciar, mas no outro período grafa de forma correcta a mesma palavra, enquanto que, em seguida volta a grafar “currupto ao invés de corrupto”. Com isso, é possível concluir que o aluno não reflecte na sua escrita, pois não consegue encontrar uma forma única e correcta de grafar a palavra, ilustrando o grau de dificuldade na transposição da oralidade para a escrita.

Escrever é apenas um simples processo de codificação. Escrever é fazer representar a linguagem oral, o significado das coisas, a representação representar ideias, conceitos ou sentimentos através de símbolos, mas de ordem gráfica e não sonora. Porém, embora corresponda a um sistema de representação da oralidade, a escrita não se limita a ser uma transcrição exacta daquilo que é falado.

Confirmam-se os estudos de Bortoni-Ricardo, Zorzi, Cagliari, Bagno, Marcushi, afirmando que a oralidade e escrita são dois processos para a realização da mesma língua, não caminham de forma separada, diferenciando-se apenas em contextos de aplicação. O não domínio da escrita pode levar o aluno a fazer imitação da fala.

O número de professores de especialidade e que leccionam a cadeira de Língua Portuguesa, reflecte-se em certa medida, na aprendizagem dos alunos;

O contacto com a escrita e à norma culta para eles, dá-se apenas na sala de aulas o que dificulta e garante a fraca a sua exposição sobre a linguagem escrita;

A escrita possui características próprias e dispensa alguns elementos aceites na oralidade. A escrita é planejada e obedece à norma da língua, por isso, a oralidade também pode ser planejada e obedecer à norma, mas é flexível em relação à escrita, trazendo elementos não aceites na escrita.

A oralidade está repleta de variações, dando liberdade aos alunos, mas para a escrita, a observação de uma norma culta se exige, pois por mais que os alunos sejam provenientes de diferentes zonas ou famílias, deve haver uniformização nos seus escritos.

Estamos cónscios de que, é a oralidade que exerce influência na escrita, deixando marcas. O trabalho da escola é de fazer com que o aluno consiga ter o domínio de uso destes dois elementos, assim, exige-se uma dedicação desmedida do professor, influenciador do processo de ensino/aprendizagem e do aluno também.

## BIBLIOGRAFIA

Amaury Jr. (26 de Outubro de 2006). *Amaury*. Obtido de História da Escrita: [www.amaury.pro.br](http://www.amaury.pro.br)

Bechara, E. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bessa, M. J., Oliveira, M. D., & Bezerra, L. M. (2012). Um estudo sobre a influência da oralidade na aquisição da escrita de alunos do 6º Ano. Fórum Internacional de Pedagogia (p. 14). Paraíba-PI/Brasil: Realize Editora.

Bortoluzzi, B. M., & Cristofolini, C. (01 de Fevereiro de 2013). Oralidade e aquisição da linguagem escrita dos alunos em uma escola pública. *Revista Acadêmica de Letras-Português*, p. 10.

Botelho, M. J. (s.d.). *Metaplasmos vontemporâneos-Um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa*. UERJ,FEUDUC e ABRAFIL. Obtido em 24 de Julho de 2016, de [www.filologia.br/revista/35/02.htm](http://www.filologia.br/revista/35/02.htm)

Bortoni-Ricardo, Stella M. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: Gorski, Edair M.; Coelho, Izete L. (Org.) *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

Caliman, N. S., & Barbosa, M. d. (2010). Em N. S. Caliman, & M. d. Barbosa, *Leitura, escrita e letramento : uma praxis diferenciada* (p. 14). FE/FFCL.

Carvalho, I., & Rosa, D. C. (Janeiro de 2012). Da fala à escrita: análise das marcas da oralidade presentes em textos escritos dos alunos de 5º Ano. *Da fala à escrita*, p. 15.

Coelho, M. P., & Lima, T. R. (jan-abr de 2014). Língua, linguagem e fala na "Teoria do Valor" de Ferdinand Saussure. pp. 347-357.

- Cunha, C., & Cintra, L. F. (2006). Breve Gramática do Português Contemporâneo. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Favero, Leonor Lopes, Andrade, Maria Lúcia C.V.O, Aquino, Zilda G.O. Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- Ferronato, Emilia. Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita. Porto Alegre: Artmed, 2003- pesquisar
- Ferronato, L. A. (2007). A fala e escrita em questão: retextualização. Curso de Capacitação de Professores do Sistema de Ensino Positivo, (p. 16). Curitiba-Paraná.
- Galembeck, P.T. & Carvalho K.A. (s.d). Os marcadores conversacionais da fala culta de São Paulo. Projeto NURC/CNPq
- Garcia, D. J. (2010). Influência da oralidade na escrita das séries iniciais: uma análise a partir dos erros ortográficos. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas- Faculdade de Educação.
- Gomes, A. M. (2008). A influência da oralidade na escrita: uma análise sociolinguística sobre as redações escolares de uma escola pública do Distrito Federal. Brasília: Universidade de Brasília.
- Imaginie Redação Blog\_ Roberta Rinaldi08/20/2019 <https://blog.imagine.com.br/author/roberta/>
- Marcuschi, L. A., & Dionísio, A. P. (2005). Fala e Escrita. Pernambuco, Brasil: Centro de Estudos em Educação e Linguagem.
- Matos, J. C. (2010). Gramática Moderna da Língua Portuguesa. Lisboa: Escolar Editora.
- Nobre, L. L. (s.d.). Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa. Trabalho de Conclusão de Curso-Orientações. Em L. L.

- Nobre, Influência da linguagem oral na escrita (p. 20). UFRGS-Instituto de Letras.
- Querido, V. N. (2009). Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco-UCB.
- Rosa, D. C., & Carvalho, I. (25 de Junho de 2012). Da fala à escrita: análise das marcas da oralidade presentes em textos escritos de alunos do 5º Ano. Oralidade e escrita, p. 15.
- Samuel, A. M., Gaspar, C. E., Pereira, J. A., & Chiela, L. A. (2013). A Oralidade, A Escrita. Em A. M. Samuel, C. E. Gaspar, J. A. Pereira, & L. A. Chiela, As vertentes da Oralidade, Leitura, Escrita, Gramática e Literatura "Programa de Metodologia do Ensino do Português" da E.F.P (pp. 13-22 e 36-48 ). Lubango: ISCED-HUÍLA.
- Silva, J. N. (2012). Marcas da oralidade: um estudo reflexivo das produções textuais dos alunos da 5ª.Série, da Escola Estadual Edeli Mantovani. Revista Eventos Pedagógicos, 11.
- Vieira, A., Kondja, J., & Kambuta, J. K. (2015). Influência da linguagem oral na produção de textos escritos dos alunos da Escola Primária e Secundária do I Ciclo nº1728- 4 de Abril. Lubango: ISCED-HUÍLA.
- Vieira, R. (s.d.). A Influência Da Oralidade Na Produção da Escrita De Alunos Do Ensino Fundamental De Uma Escola Pública. Rio de Janeiro.
- Universidade de Brasília. (s.d.). Influência da Oralidade na Escrita. Programa de Pós-Graduação de Linguística, Português e Línguas Clássicas LIP. (s.d.).
- Spinelli VP, Massari IC, Trenche MCB. Temas em Fonoaudiologia. 9ª ed. São Paulo: Loyola; 1989. Cap. Distúrbios Articulatorios.
- Zorzi, J. L. (2003). Aprender a ler e escrever: Indo além dos métodos. (p. 13). São Paulo: CEFAC-Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica.

## Anexos

uso de bebidas alcoólicas. Causas e consequência

Bebidas alcoólicas  $\Rightarrow$  não é que as bebidas amagosa, as mesmas provocam doenças como diabetes.

As bebidas alcoólicas são aquelas não aconselháveis na vida de homem e provocada por desentendimento familiar em alguns casos, por falta de dinheiro e também por influência. O álcool provoca transtorno na vida, se for no caso do pai a pouco amor entre sua família.

Por consequência é a morte.

Nome: Florencia Bimbi Mãe Gabriel

- 4- O Básico
- 5- e O Uelo dos motores e.t.c.

O Petróleo é um produto explorado em seguida refinado. Este produto é transportado pelas Estrangeiras sobre tudo os Estados Unidos de América.

No princípio do ano 2015 O E.U.A por possuir varias barris de petróleo devido já não continuar a fazer compras de petróleo em Angola ficou com a necessidade de dinheiro e o alto preço de dólar em Angola.

Portanto, Apesar ter acesso na Ano 2015 e afetar ainda umas a crise em Angola devido do alto preço de dólar em Angola.

Toda via ela é prejudicial aos Angolanos de vido a preçosa que há com os Angolanos.

19

1: As causas da crise económica em Angola, são  
Preço do petróleo baixo.

Não aproveitamento de outros recursos im-  
-portantes económicos em Angola.

Ainda Angola importa produtos difíceis  
- de obter.

O Governo angolano só deu a importância  
petróleo, e não a outros recursos.

A corrupção em Angola está a ser cada  
- vez mais preocupante para a solução

2: A minha opinião para a solução  
do problema é:

Desenvolver a economia nacional  
A valorização do produto nacional.

Luta contra a impunidade e corrupção

Criar pequenas empresas e empre-  
-sarismo nacional.

... e uma ciência que estuda  
os bens estar.

Economia é uma ciência que estuda  
os bens.

Incluindo o fenômeno em causa, o estudo  
em Angola eu digo que começou  
em 2014 e tendo o maior crescimento  
em 2015 e 2016.

Foi uma epidemia muito crítica porque  
levou muitas famílias angolanas ao sofrimen-  
to.

As coisas básicas está-se no preço muito  
alto em que muitas não conseguem comprar  
porque não tinham possibilidades...  
Como sabemos que a maior parte da  
população Angola sobre-vive da  
agricultura e não modernizada de  
alimento (sub-sistência) está a crise  
fez dos angolanos um Chomedia  
de alimento que têm de se aferrar mais na  
agricultura de tal maneira que  
o país não possa não possa importar tudo  
do apenas algumas coisas.

Por em suma digo que esta crise  
deve ser assumida do dólar.

Com baixo do preço que reduz  
o poder de compra no mercado interna-  
cional.

1º Causas da crise económica em Angola e da a sua opinião para solucionar.

R: Temto em conta da crise vi deida no nosso país uma das causas principal é a perda da validade do nosso petrólio e o efeito da perda da validade do óleo afeta a comercialização entre Angola e EUA. O estado unida da America que compram petrólio com um preço mais elevado que já não compram mais com o preço que compravam antes.

Para solucionar este processo da crise económica do nosso país preciso os nossos dirigentes que fazem parte dessa tal economia passar para serem também não dependentes muito do estado passamos adedicar-se mais muito a na área de empreendedoris, para dinamizar a vida civil e os serem empreendedores de negócios.

Só assim que a população Angolana não sofre muito mais deste problema que afecta nos Angolans.

62

1- As causas da crise económica em Angola e da sua  
Opinião para solucionar? R: As causas da crise económica  
em Angola são:

- 1º - a má gestão do horário público (a má utilização, ou seja a má gestão das coisas públicas, finanças do país).
- 2º - a falta de uma economia diversificada que não esteja só dependente do petróleo.
- 3º - a queda do preço do barril de petróleo.

E para solucionar a mesma devemos:

- 1º - melhorar a gestão do horário público.
- 2º - Investir mais nos quadros nacional (com isto venceremos a crise).
- 3º - Criar mecanismo a diversificação da economia (se apagar ap na agricultura e não depender mais de petróleo).

11

1ª Da causa da crise económica em Angola da uma  
sua opinião para se vencer a mesma?

R.ª Da minha opinião tendo que ter encontro com  
[a] economia da nossa vida no nosso país  
podemos [utilizar] alguns instrumentos  
para dinamizar a mesma que estão a ser  
utilizado para minimizar a mesma intervenção  
económica e social do estado que podem  
[prevenir] a intervenção directa para ser  
produzidos os bens serviços para satisfazer  
as necessidades colectiva ou seja para ser  
comercializadas para ocorrer. se de-  
políticas económicas com uma actividade  
para dinamizar e articuladas diferentes  
políticas com um vista [aportar] do  
crescimento económicas, mais [sobre tudo] é  
com desenvolvimento global da sociedade.

94

Condições de vida alélicas, lúctas e Condições

uma pessoa que constantemente não é mal, quando é feito regularmente ou consideravelmente, mas se isso que muitas vezes tem que ser muito e muitas condições.

Quando elas também muito mal é a, desenvolvimento físico, psicológico, emocional etc. Então o homem ou a Condicionada fica muito deprimido do alca, físico e uma falta de interesse da vida, físico, psicológico não faz nada na vida Condicionada e tornam-se economicamente não falido e pode relacionar a práticas de lúctas etc.

Condições de vida: elas podem dechar a terra da Condicionada dos amigos, familiares, colegas, conhecidos, amigos os outros familiares com problemas de vida etc.

A pesar de ter sentido, mas não muito regular e quase não possível para outros que não praticam o mesmo.

Quando as condições alélicas chegaram a um nível elevado a pessoa fica desiludida e deprimido de mesmo e aí é o estado mais difícil porque não faz nada na vida Condicionada e é um estado desiludido e muito mal.

Então não acerbella mentes ser lúctas com as suas atividades mentais em dia a Condicionada porque vai deprimido, mais vai ser tarde de mais.

103

R: As causas da crise econômica em Angola são:  
Preço do petróleo baixo.  
Não aproveitamento de outros recursos importantes econômicas em Angola.  
- Ainda Angola importa produtos disnecessários.

O Governo angolano só deu a importância ao petróleo, e não a outros recursos.  
A corrupção em Angola está a ser travada.

2ª A minha opinião para solucionar o problema é:

Desenvolver a economia nacional.  
A valorização do produto nacional.  
Luta contra a impunidade e corrupção  
Criar pequenas empresas e emprego  
-bolismo nacional.

72

## Causas da Crise Económica Em Angola

E como solucionar a mesma.

Crise Económica é uma fase de transição entre um período de prosperidade e outro de depressão.

## Causas da Crise Económica Em Angola

Uma das causas Económicas em Angola é a Corrupção. Se bem que o chefe do estado camarada João Laurenceo quer parar. Com a corrupção no nosso país mais isto não vai ser possível se os Corruptos não saírem ao mundo.

Outra causa é o petróleo porque o nosso país não tava em crise quando o preço do petróleo não tava muito acessível.

## Como solucionar a mesma

Bem, para solucionar a crise Económica em Angola o camarada João Laurenceo deve investir mais na agricultura.

58

A crise económica em Angola.

A crise tem-se uma desvantagem no meio da sociedade por causa do petróleo com o preço muito elevado, não só pelo petróleo, mas também pelo negócio. A crise tem-se uma dificuldade ao fazer, fazer dia nos armazenagem e nos lugares as outras coisas está muito caro.

Neste caso a crise está a afectar muita gente em Angola, por ex: das pessoas que de frente do campo é difícil de comprar uma coisa. Pelo meu caso em 2011 a gasolina comprávamos a 60 kg  $\neq$  760 kg de onde agora foi. Neste ano as metas eram bastante as como da bolata as matérias filias com bolata mas hoje não como devido de comprar. E pelas as professor as funcionários as policiais e a sim eles podem tentar algumas coisa que não nos tentam de comprar, mas neste emprego citado por ex: destes campo emprego citado se não deles ou trabalhadores que se quem nos watch watchera ou habida é difícil de comprar uma coisa.

A crise económica e a inflação para o país da produção, distribuição e o consumo de mol de países da sociedade.

104

## Consumo de bebida alcoólica.

### Causas e consequências

O álcool é algo prejudicial que até  
leva o homem a não limitar. E o consumo  
não é bom principalmente na camada jovem.

É a pessoa que consume para (para) sentir  
bem. Mas há pessoa que bebe a través da  
frustração, dos problemas familiar para tentar esque-  
cer o problema mas piora ainda mas a me-  
dida que ele consume. Há pessoa que quando  
bebe ou consume alcoo fico muito feliz e diminui  
a tensão dele. Na verdade (tinha) eu tinha um tio  
que fico bem quando consume alcoo e quando  
não consume fica doente mais poucos anos ele viveu  
& acabou morreu e dali vive o alcoolismo e muito mes-  
mo prejudicial.

93

de Bebidas Alcoolicas.  
Redução  
consumo de bebidas alcoolicas, causas e  
consequência

O consumo de bebidas alcoolicas é risco porque tem endiado Quando esta bebada esse não tem juizo, e não tem respeito, nem medo. É as causas e que (Quando) a varia. Tipo de bebidas alcoolicas, alguns bebem com moderação, e a um tipo de bebida que esta escrito assim é proibido vender a menor de 18 ano de idade. alguns bebem por ilusão só que o primo ~~com~~ como bebidas alcoolicas ele tam-  
bem e outros e mesmo da familia.

A consequência é da ~~que~~ frustração, do pesso-  
mento, o nervo porque a pessoa quando está  
nervoso ele pode consumir um pouco para  
evitar ~~os~~ pros a raiva e tamem para evitar  
barulho. ~~ca~~ ~~em~~ e por outros... etc

## Consumo de Bebidas Alcoólicas. Causas e Consequência.

- O álcool é uma bebida muito terrível, a bebida não é aconselhável porque não ajuda nos nossos organismo quando alguém fica embriado começa a falar alto, se cagar, se mijar. Então vamos evitar beber e fumar e a pessoa não consegue construir o futuro todo o dinheiro que o indivíduo trabalha só vai gastar na bebida.

### A Causa da Bebida e o álcool.

Causa que as órgãos que é os pulmões vão queimar dentro, e os pulmões se queimar a nossa saúde não fica bem e até nos leva até a morte, causa a pobreza, e saber na mente que fica desperdiçar etc.

Falo da causa da crise económica e da sua  
opinião para solucionar

A crise económica (surge) através da queda do Petroleo  
Bruto da baixa do preço

A causa da crise deve-se a queda do petroleo bruto no mercado  
internacional referente em Angola porque a maioria dos  
países tem o petroleo como fonte de receita com a queda do  
petroleo.

Na minha opinião para solucionar

por mim os maior produtores do petroleo deve chegar a um  
concesso para comprar mais o produto em maior qualidade  
estabelecer regras para esses países e por outra devem  
faltar também nos outros recursos

A crise económica em Angola não é  
só ocupado pelo petróleo de 24 de setembro  
de 2012 a ideia que o Zimacriso em Angola  
a penas a prumte de baixo do preço de um petróleo  
no mercado internacional e uma influência  
deste o Director executivo do instituto para  
Cidadania.

A crise económica em Angola  
e um período escasso do nível da produção  
do comércio ligado ao consumo de produtos e serviços.

Angola a crise proteca falencial de empresa  
e mas 30% dessem empregadas em quanto a dívida  
pública Angola ma que de 18% este  
ano 2018 não amia far em impale can os  
gerações futuras

Dado uma garantia para campanhas e pressão  
o governo, mais como sociedade Angola. e onci  
e volu in o masso proprio migelio. e  
de todas anias para satis  
dad.

## Consumo de bebidas alcoólicas. Causas e consequências

Bebidas alcoólicas = é a bebida em que quando o indivíduo consome ele estará não consegue estar no seu próprio lugar.

Consumo de bebidas alcoólicas as pessoas consomem porque causa de falta de conhecimento de que a bebida alcoólica prejudica os pulmões mas eles próprios não conseguem identificar o que o álcool faz. O álcool é uma bebida em que ao consumir é sentes que a bebida alcoólica é como se fosse água.

### causas de bebidas alcoólicas

Falta de conhecimento

Uso

Falta de intimidade

Se por causa dos outros que consomem álcool a consequência

Depois de você tomar eu consumir álcool sentirás que o peito estará prejudicado porque a fumaça nos pulmões com a fumaça marfuma estará desesperado.

27

